

BELAS
ARTES



• 100 ANOS •



ESTUDO DE CASO



**100
ANOS
À FRENTE**

Muito bem-vindos à Belas Artes!

É com entusiasmo que iniciamos mais uma edição do nosso processo seletivo — um momento em que sua trajetória pessoal se conecta aos desafios contemporâneos e às possibilidades de transformação por meio da criatividade.

Nesta prova, convidamos você a refletir sobre as dinâmicas do mundo do trabalho no século XXI. Em um cenário marcado por avanços sociais importantes, mas também por desigualdades persistentes, torna-se fundamental compreender como diferentes grupos ocupam, transformam e disputam espaços profissionais.

O crescimento da presença feminina no mundo do trabalho, as mudanças nas estruturas organizacionais e a ampliação de políticas de inclusão indicam avanços relevantes. No entanto, ainda permanecem desafios significativos relacionados à valorização profissional, à equidade de oportunidades e ao reconhecimento do trabalho realizado.

Boa prova — e que suas ideias ajudem a construir espaços mais humanos, plurais e saudáveis.

Desejamos uma jornada de escuta atenta, pensamento criativo e soluções cuidadosas.

Leia o texto com atenção.

Diferença salarial entre homem e mulher persiste

Mulheres ganham 21,3% menos do que os homens no país, segundo a 5ª edição do relatório da Lei da Igualdade Salarial

Mulheres ganham em média 21,3% menos do que os homens nas 53,5 mil empresas com mais de cem funcionários do país, situação de estabilidade em relação a 2023.

A diferença salarial entre homens e mulheres no Brasil é de 21,3% nas 53,5 mil empresas com mais de cem funcionários, segundo o 5º Relatório de Transparência Salarial e de Critérios Remuneratórios, do MTE (Ministério do Trabalho e Emprego).

Apesar de a desigualdade se manter estável, em torno de 20%, a contratação feminina cresceu 11% desde quando os dados passaram a ser medidos após a publicação da Lei da Igualdade Salarial, em julho de 2023.

A remuneração média das mulheres é de R\$ 3.965,94, enquanto dos homens chega a R\$ 5.039,68.

Segundo o relatório, em 2023, as mulheres recebiam, em média, 20,7% menos do que os homens. Esse cenário teve uma leve piora, chegando a 21,3% em abril deste ano, mas estável ante novembro de 2025, quando a diferença estava em 21,2%. Hoje, as mulheres recebem, em média, 78,7% do salário dos homens.

Um dos destaques do estudo é o aumento da presença feminina no emprego formal. O número de ocupadas passou de 7,2 milhões para 8 milhões, alta de 800 mil trabalhadoras com emprego formal entre 2023 e 2026.

Entre negras (pretas e pardas), o crescimento foi maior, de 29%, de 3,2 milhões para 4,2 milhões.

Também cresceu o número de empresas com pelo menos 10% de negras, que chegou a 21.759, alta de 3,6% ante o relatório anterior.

Para Paula Montagner, subsecretária de estatísticas e estudos do Trabalho do MTE, a variação negativa de 0,6 ponto percentual é muito pequena frente ao contingente analisado, já que o número de contratadas subiu, o rendimento subiu e o número de empresas com cem ou mais funcionários também aumentou.

“O rendimento se moveu de forma positiva, assim como o total de mulheres contratadas para cargos de gerência e direção”, diz.

Segundo ela, a massa de rendimentos das mulheres subiu de 33,7% para 35,2%. Ainda assim, para alcançar a participação equivalente à presença masculina no emprego, hoje em 41,4%, seria necessária uma alta de R\$ 95,5 bilhões nos rendimentos totais, diz.

“O rendimento dos homens continuou a aumentar, pelo maior tempo de empresa, o que faz essa corrida quase impossível, porque se este for o critério para promoções, os que estão há mais tempo vão receber mais, mesmo que o desempenho seja similar.”

A distância cresceu em algumas faixas de tamanho de empresa. Nas com 251 a 500 empregados, o salário das mulheres caiu de 82,2% da dos homens para 80,9%. Nas com

1.001 a 2.000, de 76,5% para 75,2%.

O relatório também aponta avanços em políticas internas das empresas. Houve aumento na jornada flexível de 40,6% para 53,9% das empresas oferecendo essa opção, e auxílio-creche sendo oferecido em 38,4% das companhias ante 22,9% no início da série.

Outro ponto celebrado é o aumento do total de empresas com licenças maternidade e paternidade estendida, que saltou de 20% para 29,9%, além da oferta de planos de cargos e salários, que subiu de 55,5% para 66,8%.

A proporção das empresas que dizem promover mulheres subiu de 63,8% para 75,7%. Houve alta na contratação de indígenas, de 8,2% em 2023 para 11,2% em 2025, e de vítimas de violência, de 5,5% para 10,5%, no mesmo período.

Os estados com menor desigualdade são PI (onde uma mulher ganha 92,1% do salário de um homem), AC (91,9%) e DF (91,2%). Os com maior são ES (70,7%), RJ (71,2%) e PR (71,3%). O relatório analisou 19,3 milhões de vínculos trabalhistas, com dados da Rais (Relação Anual de Informações Sociais) e das companhias.

GERCINA, Cristiane. Diferença salarial entre homem e mulher persiste. **Folha de S. Paulo**, São Paulo: 28 abr. 2026. PRIMEIRA PÁGINA



100

DESDE 1925